

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	35800	13900	4950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	25000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—

18.º Anno — XVIII Volume — N.º 578

15 DE JANEIRO DE 1895

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Pogo Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL

O famoso saragoçano triumphou mais uma vez. Anunciara para a primeira quinzena de janeiro grandes temporaes, inverno rijo e eis-nos a lutar com uma inverneira, como ha muito tempo não apparecia cá, chuva s torrenciales, frios intensos, ventanias desenfreadas, trovoadas successivas, vendavaes em forma como raras vezes nos costumam visitar!

A brandura, a suavidade do nosso clima, tão fallada, tão decantada, portou-se muito mal d'esta vez: creou fama e deitou-se a dormir e deixou o temporal manobrar em completa liberdade.

D'ahi uns dias e umas noites medonhas, desagradaveis, e mesmo muito mais do que isso, perigosas deveras, em que o desgraçado que se atreve a pôr o pé na rua se arrisca muito a pôr ao mesmo tempo o pé na cova, por que a *influenza* espreita a todas as esquinas os incautos, os ousados e fal-os pagar ás vezes bem caro a sua ousadia.

Ha muitos annos que não apparecia em Lisboa um inverno tão rigoroso como o que está passando e ao mesmo tempo uma quadra tão doentia.

Ha tres ou quatro dias um jornal de Madrid, a *Correspondencia de España* publicou uma caricatura lugubre, que infelizmente tem tanta actualidade em Lisboa como a tem em Madrid.

Um sujeito, de chapéu alto, paletot de gola alevantada, atravessa uma rua, debaixo d'uma chuva torrencial, fustigado pelo vendaval, e levando agarrada ao braço direito uma si-

nistra companheira, a morte, de saias arregaçadas e fouce ao hombro, tendo escripta na fouce uma palavra terrivel n'estes tempos invernosos «Pneumonia».

A graça do caricaturista hespanhol é funebre e tanto mais funebre, quanto é terrivelmente verdadeira.

E senão é ver as estatisticas dos hospitaes, os registos do obituario, as necrologias dos jornaes, que n'estas ultimas semanas tem tomado proporções quasi assustadoras.

As listas de pessoas doentes enchem os *high-life* das gazetas, os convites para funeraes enchem de cruces pretas as paginas dos annuncios e ha um tempo a esta parte é rara a manhã em que os jornaes nos não surpreendem com noticias de morte de pessoas conhecidas em Lisboa, de pessoas que por qualquer titulo adquiriram entre nós notoriedade.

Num dia foram nada menos do que quatro noticias, a da morte do general João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, do general José Joaquim Henriques Moreira, do actor Joaquim Bento e do sr. João Xafredo Junior, um rapaz muito novo ainda, muito conhecido e estimado em Lisboa, vice-presidente do Real Gymnasio Club Portuguez.

O OCCIDENTE consagra á memoria illustre do general João Chrysostomo, que tão eminente logar occupou no nosso mundo politico, artigo especial e por isso limitamo-nos apenas a registar aqui a sua morte enviando os nossos sentidos pezames á sua desolada familia.

O general Moreira, commandante da 1.ª divisão militar e a muito conhecido em Lisboa, e muito estimado porque era um militar valente e brioso e ao mesmo tempo um homem de excellente alma e bello coração. Tinha 75 annos d'idade pois nasceu em 20 d'abril de 1820 e fora casado com uma filha dos viscondes de Oleiros de quem teve dois filhos e uma filha, hoje casada com o nosso presado amigo o sr. dr. Pereira Leite, a quem enviamos os nossos pesames.

Aos 15 annos sentou praça em cavallaria 8 e foisubindo postos até que em 24 de fevereiro de 1875 foi promovido a coronel. Commandou e n'este posto, os regimentos de cavallaria 3, 6, 7 e lanceiros 2, e promovido em 31 de outubro da 1884 a general de brigada, foi nomeado commandante das guardas municipaes, por morte do general Macedo.

Aos 15 annos sentou praça em cavallaria 8 e foisubindo postos até que em 24 de fevereiro de 1875 foi promovido a coronel. Commandou e n'este posto, os regimentos de cavallaria 3, 6, 7 e lanceiros 2, e promovido em 31 de outubro da 1884 a general de brigada, foi nomeado commandante das guardas municipaes, por morte do general Macedo.



GENERAL JOÃO CHRYSOSTOMO DE ABREU E SOUZA — FALLEC DO NO DIA 7 DO CORRENTE

(Copia de uma photographia)





GENERAL JOSÉ JOAQUIM HENRIQUES MOREIRA

Ha 5 annos, em 26 de março de 1890 o general Moreira foi promovido a general de divisão e então, depois de servir como commandante interino da 3.ª divisão passou a commandar a divisão de Lisboa, cargo em que falleceu.

O general Moreira era grã cruz de S. Bento d'Aviz, cavalleiro da Torre e Espada, tinha as medalhas de cobre e prata de valor militar e comportamento exemplar e ha pouco tempo fôra nomeado ajudante de campo honorario d'el-rei D. Carlos.

O sr. João Xafredo Junior era filho do velho e conhecido alfayate João Antonio Xafredo, da Rua Nova do Almada, o primeiro alfayate que eu conheci, por que foi o que me fez o meu primeiro fato de homem—tinha eu os meus 10 annos d'idade—e alfayate que hoje não conheço, porque nunca mais o tornei a ver e já lá vão sobre esse primeiro fato os seus 34 annos!

João Xafredo Junior era um rapaz muito robusto e saudavel, e um dos mais notaveis gynastas amadores da nossa terra.

Ha tempos começou a soffrer d'uma aneurisma submetteu-se a rigoroso tratamento e fez por duas vezes a operação da electropunctura, experimentando sensiveis melhoras, a ponto de se chegar a julgar curado.

Infelizmente não o estava: e o mal aggravando-se repentinamente, matou-o aos 34 annos d'idade.

João Xafredo Junior era muito querido pelas suas excellentes qualidades de rapaz, tinha numerosos e dedicados amigos e o seu funeral foi concorridissimo.



ACTOR JOAQUIM BENTO

O actor Joaquim Bento, do theatro do Príncipe Real era, senão o decano dos actores portuguezes, um dos mais antigos.

Andou pelos antigos theatros das Variedades e da Rua dos Condes, e estava escripturado no theatro do Príncipe Real desde a inauguração do theatro.

Nunca foi uma celebridade artistica, nem tinha

pretensões a isso; era muito modesto, muito despedido de vaidades, e tanto que n'este tempo de ordenados fabulosos elle se contentava e se dava até por muito satisfeito com a sua mensalidade de 18.000 réis, mas era um artista muito trabalhador, muito consciencioso, fiel e zeloso cumpridor dos seus deveres, e apesar de não ser notabilidade teve na sua longa carreira artistica alguns papeis que creou d'uma maneira distinctissima, a ponto de n'elles fazerem má figura artistas de muito mais nomeada, que os representaram depois d'elle e que não poderam sustentar o confronto com a criação do pobre Joaquim Bento.

Entre os seus papeis mais notaveis contam-se os das comedias: *Feito de Corpo e Bonito d'Alma*, *Dois pobres a uma porta*, *Dois dias no Campo Grande*, *Pedro Cem*.

Joaquim Bento era um excellentes homem, um magnifico companheiro e por isso todos os seus collegas, todo o pessoal do theatro lhe queriam muito.

Cançado pela avançada idade e pela doença que já ha tempo o minava, Joaquim Bento representava pouco n'estes ultimos annos: não porque elle se furtasse ao trabalho, pelo contrario, Joaquim Bento ia todos os dias ao theatro ver se tinha que fazer, pois custava-lhe estar a ganhar ordenado sem trabalhar, mas os empregarios muito amigos d'elle, poupavam-n'o o mais que podiam porque canheciam bem o estado em que elle estava.

No dia 6 ás 8 horas da noite Joaquim Bento que já ha 4 dias não sahia de casa, começou a queixar-se d'uma dôr no peito, e como essa dôr não pa'ssasse, suas sobrinhas, que viviam em companhia d'elle, mandaram chamar o medico, quando porém o medico chegou já o pobre artista tinha expirado.

Ao seu funeral assistiram todos os artistas e empregados do theatro do Príncipe Real e artistas d'outros theatros.

Paz á sua alma.

E não termina aqui a funebre lista.

Agora mesmo que estamos escrevendo esta chronica chega-nos a dolorosa noticia de ter fallecido á 1 hora da madrugada de hoje domingo, na sua casa de Belem o sr. dr. Magalhães Coutinho, uma das mais brilhantes illustrações medicas que tem tido a nossa terra.

O dr. Magalhães Coutinho ia fazer 80 annos d'idade e padecia ha tempo de diabetes e d'uma lesão cardiaca.

Ultimamente atacou-o a *grippe* e d'ahi o aggravamento dos seus padecimentos antigos, aggravamento que o matou.

O dr. Magalhães Coutinho era não só um grande medico, um extraordinario clinico, um eximio professor; mas tambem uma das cabeças mais bem organisadas, um dos talentos mais brilhantes, dos espiritos mais lucidos que temos conhecido.

Não havia conversador mais alegre do que elle, não havia conversação que instruisse e deleitasse mais do que a sua, sempre cheia de conceitos valiosos, d'anedoctas engraçadas, d'um bom senso enorme e d'uma despretensão rara que lhe davam um encanto especial.

O dr. Magalhães Coutinho era lente jubilado da Escola Medica de Lisboa onde prestou relevantes e extraordinarios serviços, vogal do conselho superior d'instrução publica, membro do conselho de saúde publica, fôra em tempo director geral da instrução publica, e era bibliothecario da Ajuda.

Medico da Real Camara, foi amigo intimo de El-Rei D. Luiz, que tinha pelo seu character, pelo seu talento e pela sua sciencia a mais alta sympathia e mais subida consideração.

O dr. Magalhães Coutinho era do conselho de Sua Magestade, grã cruz de S. Thiago e de Christo, socio da Academia Real das Sciencias e da Sociedade das Sciencias Medicas, commendador da Conceição, da Torre-Espada, da Legião d'Honra, de S. Lazaro, d'Italia, de Leopoldo da Belgica e de Leão Neerlandez e tinha a medalha da febre amarella.

O OCCIDENTE occupar-se-ha em artigo especial do illustre morto, que era uma das mais brilhantes glorias scientificas da nossa terra.

Uma noticia curiosa.

Lembram-se d'uma cantora celebre que ha 30 annos exactos fez furor em Lisboa, uma hespanhola de formosos olhos pretos que cantava divinamente a *Martha* e que creou entre nós a Margarida do *Fausto*, a famosa Elisa Volpini que tan-

tas ovações teve em S. Carlos, tantas paixões, tantas valsas e tantos sonetos fez desabrochar em Lisboa?

Pois acabamos de encontrar n'um jornal hespanhol noticia d'essa famosa cantora de quem ha tantos annos não ouviamos fallar.

Elisa Volpini vive actualmente no Aragão, em Teruel, a cidade celebre pelos legendarios amantes e está casada com o presidente da municipalidade, que é um antigo tenor, o tenor Marin, e que hoje está sendo muito victoriado pelos seus muniçipes, por ter conseguido com a sua influencia fazer com que o novo caminho de ferro de Valença a Calatayud passe por Teruel.

O jornal diz que a casa do presidente está cheia de corôas, ramos, poesias, brindes e recordações conquistadas por elle e por sua mulher, quando artistas, aos principaes publicos da Europa.

Naturalmente entre esses *recuerdos* ha de haver muitos de Lisboa e talvez ainda por lá haja algum exemplar d'uma poesia celebre que foi dedicada á famosa cantora e que acabava assim:

Esta paixão  
Não se define  
Adeus Volpini,  
Adeus Volpini.

A respeito de cantoras uma noticia que nos é muito agradável a todos nós portuguezes porque se refere a uma nossa compatriota illustre que está fazendo lá fora no estrangeiro uma carreira artistica brilhante, á cantora Judice da Costa.

Judice da Costa, que foi discipula do nosso conservatorio e que depois se dedicou á carreira lyrica, tem alcançado grandes successos lá fora e ha noites cantou no theatro de Monte Carlo a *Cavallaria Rusticana* e o *Amigo Fritz* de Mascagni.

Um dos criticos musicaes do *Figaro* assistiu a essa representação e escrevendo no grande jornal parisiense um artigo a respeito das duas operas, diz o seguinte referindo-se á nossa compatriota: «Mademoiselle Giudice encontrou no papel episodico do Zingaro, todo o successo de Santuzza. É uma voz completa, que satisfaz generosamente em todos os registos. A essa voz junta muita arte, um fôgo extraordinario e uns olhos *«tant luciferants»* de que fallam os velhos chronistas.»

Tem estado bastante incommodada com um ataque de influenza Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia.

A noticia da doença da gentilissima soberana, que é estremeçada por todos os portuguezes, sobressaltou toda a cidade, mas felizmente soube-se logo que não tinha gravidade o estado da augusta enferma, que na occasião em que escrevemos se acha consideravelmente melhor.

Fazemos sinceros votos pelo prompto e completo restabelecimento de Sua Magestade.

Não queremos terminar a nossa chronica sem registrar aqui o acontecimento principal da semana e que fez enorme sensação em Lisboa, a absolvição por unanimidade do capitão de fragata o sr. Augusto de Castilho e do tenente o sr. Olivier, julgados em conselho de guerra por causa do asylo dado no Rio de Janeiro aos insurrectos brazileiros.

Este processo chamou a attenção de todo o paiz.

Os dois valentes marinheiros defendidos brilhantemente pelos srs. Alves de Sá e Lopes Vieira, foram absolvidos por unanimidade e vitoriosissimos no tribunal.

A sua absolvição foi recebida com alegria e com entusiasmo por todo o paiz.

Gervasio Lobato.



## AS NOSSAS GRAVURAS

GENERAL JOÃO CHRYSOSTOMO  
DE ABREU E SOUSA

O illustre general que falleceu no dia 7 do corrente pelas 2 horas da madrugada, era o decano



dos generaes de engenharia, e um dos mais respeitaveis membros do partido progressista, leal servidor do rei e da patria, deixando de si memoria honrada e gloriosa.

O general João Chrysostomo de Abreu e Sousa, nasceu em Lisboa a 27 de janeiro de 1811, epoca em que Portugal atravessava um dos periodos mais dificeis da sua historia, invadido pelo exercito de Napoleão Bonaparte, entregue a um governo estrangeiro na metropole, vendo abalado o seu dominio no Brazil e salteadas as suas possessões de Africa e da India.

Uma derrocada completa, uma situação muito semelhante, senão peor, do que aquella em que se encontrou nos fins do seculo XVI e durante o seculo XVII.

Entretanto Portugal não succumbiu, o que só mostra quão pequenos somos hoje, que no ateramos com o periodo difficil que a patria atravessa, mais pela nossa falta de juizo do que por calamidades que nos tenham avassalado.

E' grande a lista dos portuguezes prestantes a sua patria, que se embalaram e soltaram o primeiro sorriso da infancia, no meio d'aquella epoca tormentosa, e nem por isso foram mais fracos de crenças, e antes se encorajaram no berço para resistirem á oppressão estrangeira e implantarem no seu paiz a arvore da liberdade que havia de regenerar-lhes a patria.

João Chrysostomo entra n'essa lista e mal adulescente ainda, mas com o coração já incendiado no amor da patria, foi alistado, aos 22 annos, nas fileiras do exercito, em 1833.

Ao seu valor militar juntou João Chrysostomo, talento pouco vulgar, e caracter austero, formando um conjunto de auctoridade respeitavel, tanto em questões da sua arma (engenharia) como em politica.

Na engenharia ficou notavel o seu relatório sobre a rede de caminhos de ferro a estabelecer em Portugal, como membro da Junta Consultiva de Obras Publicas, onde prestou relevantes serviços.

Na politica foi um vulto respeitavel que deixou o seu nome ligado a actos de boa administração e reformas importantes, como a engenharia civil.

Elevado pela primeira vez aos conselhos da corôa, em 1864, como ministro das Obras Publicas; no ministerio do duque de Loulé, foi durante esse governo que procedeu á organização da engenharia civil.

Em 1871 foi ministro da guerra, com o governo de Anselmo Braamcamp, fazendo boa gerencia da sua pasta.

Na sua carreira politica, porém, um acto sobreleva a todos e foi o grande patriotismo e civismo com que occitou o espinhoso cargo de organizar ministerio, em 1860, depois das tentativas que outros politicos haviam feito, sem resultado, para organizar governo.

O ultimatum da Inglaterra, levava o paiz a uma crise politica, de que ainda hoje se estão soffrendo as consequências, e o ministerio regenerador, que succedera ao governo progressista, tinha pedido a sua demissão, em agosto, no meio das manifestações de desagrado do paiz. A situação era tão difficil que ninguem queria tomar conta das pastas da governação, o que se prolongou por mais de um mez.

Foi então que o leal amigo do rei, o venerando general João Chrysostomo de Abreu e Sousa, tomou o espinhoso encargo de formar governo, como um dever civico, a que o seu grande patriotismo não se podia esquivar.

No meio das enormes difficuldades com que teve de luctar o seu governo, o venerando ancão sahia illeso, não se confundindo na onda de lama que tem enlameado tantos politicos da nossa terra, n'estes ultimos tempos.

Por isso hoje e sempre o seu nome será recordado com respeito e veneração, entre os bons portuguezes que tem servido a patria.

O general João Chrysostomo de Abreu e Sousa era par do reino e conselheiro de estado effectivo e condecorado com as ordens militares portuguezas e algumas estrangeiras.

#### ANTONIO RUBINSTEIN

Com a morte de Rubinstein desaparece mais um astro d'essa pleiade brilhante de grandes musicos que tanto abrilhantam o seculo em que vivemos.

Artista exímio, inspirado; digno emulo de Litz e de Thalberg, possuiu, como elles, o rarissimo privilegio de exercer, sobre seu auditorio, dominio absoluto. Senhor, como bem poucos, dos segredos do instrumento que cultivou, desde a in-

fancia, com ardentissima paixão, n'elle encontrava a todo o instante, recursos da mais imprevista sonoridade, imprimindo ao teclado vibrações extraordinarias e produzindo efeitos novos. Parecia ás vezes existir corrente electrica entre a possante individualidade do eminente virtuose e o publico que, attento e embevecido, o escutava.

Antonio Rubinstein foi o *Paganini* do piano. Quem, pela vez primeira, attentava na cerviz leonina, que corcava aquella figura imponente, de typo expressivo e tão pronunciadamente slavo, recordava-se involuntariamente de Beethoven, e mal podia eximir-se ao encanto e á influencia d'aquelle olhar profundo, penetrante.

Individualidade, distincta, inolvidavel; artista de coração e de raça, era, dizem, tambem o melhor dos homens.

Rubinstein nascera na Volhynia, muito perto da fronteira rumaiica e encetara a carreira musical na Russia, revelando desde verdes annos, precossissima intelligencia e innegavel vocação. Estudou depois em França e na Allemanha e, posteriormente, estabeleceu sua definitiva residencia na Russia, accetando em 1860 a direcção do conservatorio imperial de S. Petersburgo, cargo em que se manteve até 1867.

Tinha apenas 10 annos quando se estreou como concertista, em Paris, maravilhando o auditorio com os seus extraordinarios dotes de sentimento e comprehensão musical, aos quaes a critica fez ampla justiça.

Rubinstein era venerado na Allemanha, e tido ali por primeiro entre os pianistas modernos; como, porém, ninguem consegue agradar a todos, o mestre encontrou detractores: criticos, ou zoilos, houve, que mais de uma vez o arguiram de, no acto de interpretar musica alheia, introduzir, ou intercalar, na mesma, elementos subjectivos, propriamente seus;—e affirmavam que, sempre que punha a mão no piano, tudo quanto tocava passava acto continuo a ser Rubinstein—. Obedecendo, porém, á inspiração e, como todos os talentos superiores, transigindo, pouco ou nada, com a critica, a sua execução fogosa frizava, por vezes, as raias da extravagancia—desvios aliás voluntarios, absolutamente intencionaes, e filios, unicamente, da insaciavel ambição de encontrar expressão propria a mil ideias transcendentales, as quaes, como relampagos, fuzilavam n'aquelle cerebro o inspirado.

Compositor illustre, occupa lugar absolutamente distincto, e aparta-se dos da sua arte, não só pelas originalissimas sonatas e outras musicas de concerto, como tambem pelos energicos quanto instantes esforços—nem sempre, aliás, devidamente avaliados pelos seus contemporaneos—que impregou a fim de implantar no theatro a musica transcendente.

A sua estreia como compositor de musica scenica realisou-se com a opera *Dmitri Donskoi*; foi, porém, o seu *Nero* a producção que lhe firmou em Allemanha, reputação de compositor dramatico e tambem a que verdadeiramente ficou em *reportorio*. Posteriormente, escreveu e fez representar outra, os *Demonios*, na qual se accentuavam já as suas tendencias transcendentales e mysticas; e, d'então para cá, dedicou o melhor das suas faculdades á propaganda do genero *sacro-theatral*, escrevendo apenas *oratorios*, taes como a *Torre de Babel*; *Judas Machabeo* e *Paraizo Perdido*.

Ultimamente, muito abalada a saude, raras vezes largava o seu retiro de Petershoff, na Russia, residencia campestre verdadeiramente principesca, maravilha da arte e do gosto, onde, cercado pela familia estremecida, d'alma e coração se entregava ao seu sonho predilecto: a regeneração da musica theatral.

A similhaça de Wagner, antevia um theatro futuro, transformado em todos os seus elementos artisticos; menos feliz, porém, que o laureado maestro de Bayreuth, não logrou, como elle, ver realisadas suas ardentes aspirações. A morte veio surprehendel-o e cortou o fio a seus trabalhos. Estava concluindo uma opera sacra, *Christo*, que tencionava pôr em scena no theatro de Bremen, e que era, por assim dizer, a continuação da serie musical que inaugurou com o seu *Moisés*.

Rubinstein falleceu com 64 annos de idade. Era condecorado com a Aguia de prata da Russia, a commenda de S. Jorge da Grecia, a Cruz da Legião d'Honra, e outras ordens ainda.

#### A EXPEDIÇÃO PARA LOURENÇO MARQUES

São conhecidas as razões que determinaram o governo portuguez a mandar para Lourenço Marques uma expedição militar, que partiu de Lis-

boa em 15 de outubro do anno passado, a bordo do vapor *Cazengo* da Empresa Nacional.

A expedição composta de umas seiscentas praças sob o commando do major sr. José Ribeiro Junior, chegou ao porto de Lourenço Marques, com uma viagem muito feliz, no dia 16 de novembro, sendo recebida com grande alvoroço e indo aquartelar-se em uns barracões da rua Araujo, servindo de quartel.

Era regular o estado dos expedicionarios, e grande o desejo de entrarem em acção para o que chegavam bem dispostos.

Esta expedição foi encontrar em Lourenço Marques o reforço que de Angola tinha sido enviado para ali, composto de umas quatrocentas praças.

A cidade, porém, estava tranquilla, porque o gentio havia fugido para os mattos, logo que teve noticia de que a expedição militar se aproximava.

Com a expedição que partiu de Lisboa, foram, além do commandante que já mencionamos, o capitão sr. Ernesto Agnello Joaquim de Macedo; os tenentes srs. José Antonio da Costa Braklamy e Augusto Sezmanno Ghira, os alferes srs. José Pires, Virgilio Henrique Soares Varella, Virgilio Aurelio H. dos Santos, Manoel Jacintho França Junior, Joaquim Leovegildo Barata, e cirurgião ajudante sr. Ignacio França.

As ultimas noticias recebidas de Lourenço Marques, communicam que as forças expedicionarias já tiveram que entrar em acção batendo o gentio, que parece se havia retirado para o interior, nos primeiros dias da chegada da expedição, só para reforçar a offensiva.

Entretanto as ultimas noticias dão a victoria aos expedicionarios, tendo o inimigo soffrido grandes perdas.

Que as armas portuguezas affirmem mais uma vez o seu valor é o que todos nós portuguezes, desejamos para a manutenção do prestigio e auctoridade portuguezas nas terras africanas e honra e gloria de Portugal.

A gravura que publicamos é copia de uma photographia e apontamentos que foram enviados de Lourenço Marques a esta redacção.

#### SEVILHA — UMA FEIRA

Este quadro representando um trecho de uma feira em Sevilha é obra de um pintor hespanhol muito distincto, Cabral Aguado.

Basta o nome de Sevilha, e a noticia da sua escola de Bellas Artes para accordar nos espiritos uma doce lembrança das suas gloriosas recordações de Velasquez, Murillo, Zurbaran, Morales, Alonso Cano e outros grandes mestres da escola antiga hespanhola sahidos d'ella.

Sevilha a formosa capital da antiga Andaluzia é, como Lisboa, uma das cidades da península que mais tradições pôde apresentar. No XVI seculo a população d'essa cidade maravilhosa era enorme. N'esse seculo tinha ella a hegemonia do commercio do Novo Mundo como tambem Lisboa impunha o sceptro do commercio das Indias. Mais feliz que esta, ella desenvolveu e conservou n'essa epoca, as suas florescentes manufacturas de tecidos de linho, lã, e seda as quaes occupavam mais de vinte mil operarios.

Fôram as areias do Gualdiquivir que impedindo a grande navegação, levaram a hegemonia do commercio para Cadiz. Data de 1720 essa queda.

Todavia não se extinguiu o commercio pois que o movimento commercial é favorecido pela navegação no Gualdiquivir por navios de cem toneladas, que subindo até Sevilha exgotam e recebem mercadorias pelo caminho de ferro que liga essa cidade a Cadiz.

Ainda como Lisboa, a fundação de Sevilha está envolta em densas trevas, e a origem ulyssica de Lisboa é parallela á que no primeiro d'estes versos, outr'ora gravados na porta de Xerez, se emite:

*Hercules me edificio,  
Julio Cesar me cerco  
De muros y torres altas.*

E assim é.

Sevilha propriamente dita, está guarnecida de muralhas ameidadas com cento e desaseis torres quasi todas em ruina. São de um effeito pittoresco aquellos muros cortados como dentes de serra. Estas muralhas attribuidas a Julio Cesar tinham quinze portas sendo algumas notabilissimas de architectura como a de *Triana*, em homenagem a Trajano, a *del Carbon* e a *del Aceite*.



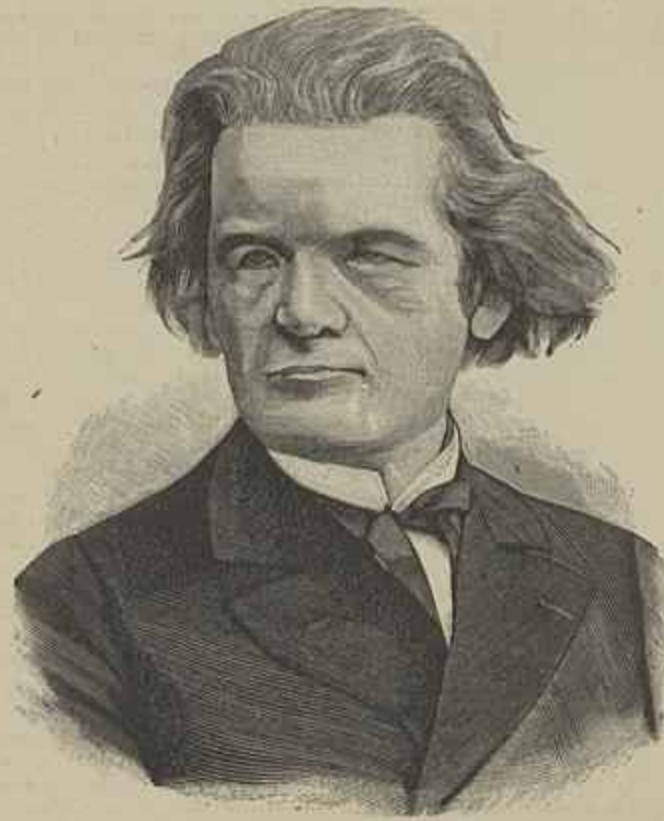
Em monumentos poucas cidades ha tão ricas como Sevilha e de monumentos religiosos a sua cathedral é a mais bella de todo o mundo; a *Noire Dame*—cabis-lhe dentro e a sua architectura é extraordinariamente famosa merecendo que um poeta dissesse d'ella e com justiça :

*Tu maravilla octava, maravillas  
A las pasadas siete maravillas.*

Sevilha, a *Hispalis* dos romanos foi, como Lisboa, uma cidade julgada de uma importancia capital. Tanto assim que figurou desde então com a data de nove de agosto no calendario civil de Roma: *Hoc die Caesar Hispalim vicit* (n'este dia Cesar venceu Hispalis). Com as invasões dos barbaros, Sevilha, tornou-se residencia dos novos dominadores das Hespanhas, e n'ella residiram Athassagildo, Leovigildo e até o primeiro serviu de patrono a uma ordem de cavallaria muito celebre.

Seria, enfim, a tarefa mais curiosa e interessante, citar a longa serie de diversos modos de existir que soffreu esta cidade até chegar ao estado de esplendor com que actualmente e desde muito vem deslumbrando os forasteiros que a visitam, já attrahidos pelas suas tradições já para contemplarem as formosissimas andaluzas de tão reputada e tradicional belleza: olhos negros, rasgados, palpebras diaphanas e grandes guarnecidas de setineas pestanas que lhe velam castamente o olhar ou moderam um pouco o fogo d'elle, pois que a sua luz é tão viva e rapida que nada pôde significar o apaixonado e effectivo encanto que mysteriosamente d'ella dimana.

Sevilha é uma cidade aberta ás manifestações do progresso. Não é rotineira e talvez a mais notavel, pelo trabalho, de todo o sul da península. As suas casas repetidas vezes caídas deslumbram pela alvura, o que com a cor do formoso ceu, dá



RUBINSTEIN — FALLECIDO EM 14 DE NOVEMBRO DE 1894

(Copia de uma photographia)

uma junção de azul e branco como se fora diamantes engastados em saphyras.

Mas só uma cousa as suas formosas habitantes conservam a despeito de toda a influencia externa, é o *sapatinho* e a *mantilla*:

## MARGENS DO GUADIANA

O Guadiana é um dos rios da península hispanica que, nascendo nas lagoas de Regdera (Hespanha) atravessa Portugal hanhando varias terras do nosso paiz.

É longo o seu curso, pois se estende por uns 840 kilometros dos quaes 600 correm em terras de Hespanha e 240 em Portugal, sendo 72 d'estes navegaveis desde Mertola até ao Oceano.

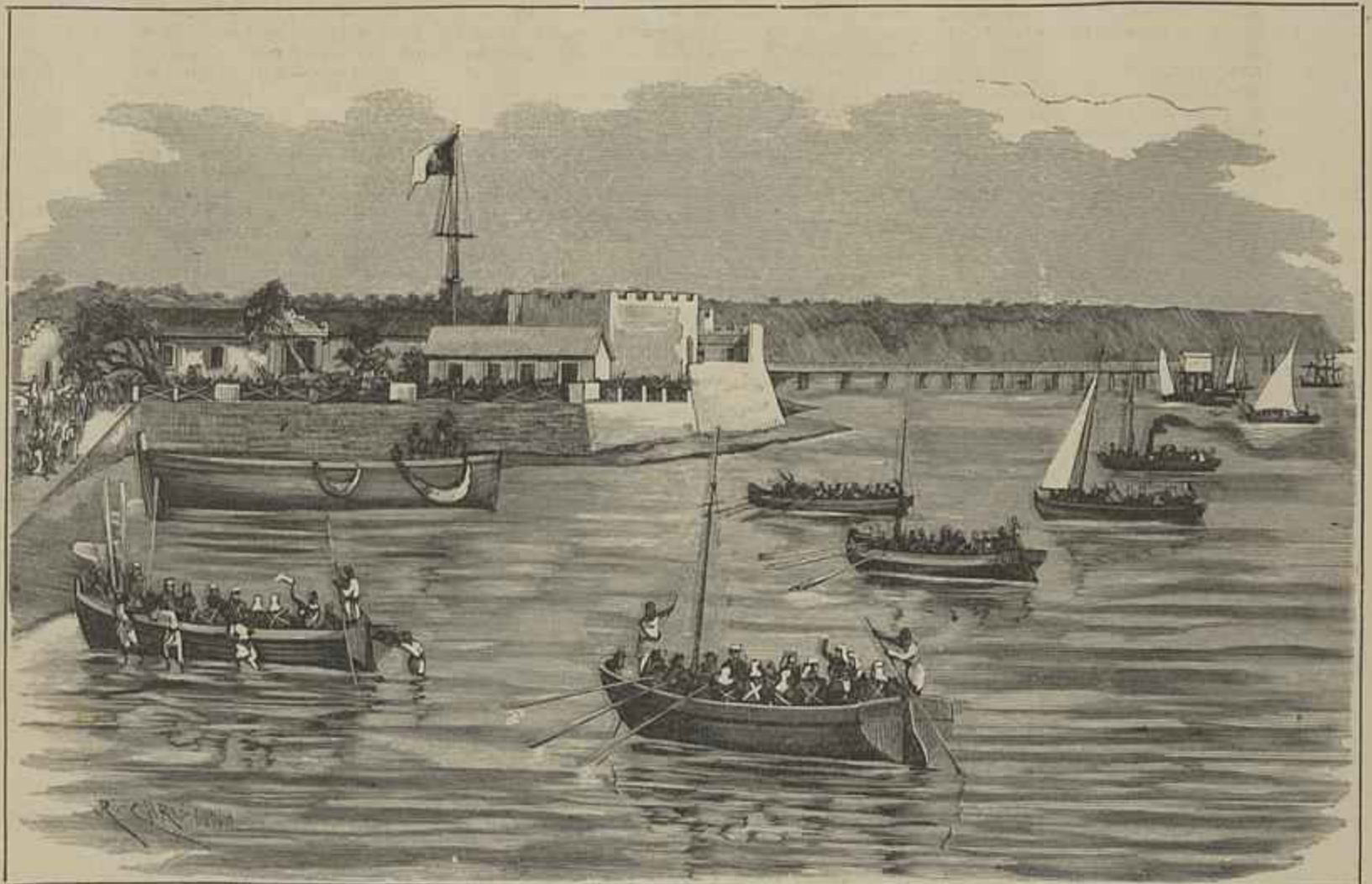
A pouco mais de 30 kilometros da sua origem perde-se o Guadiana em uma planicie, de uma aldeia, proximo de *Lugar-Nuevo*, em Hespanha, entre juncaes e canaviaes, percorrendo depois 30 kilometros subterraneamente, sahindo entre *Villa Haria* e *Daimiel* no sitio chamado *Ojar del Guadiana*.

Banha as cidades hespanholas de *Ciudad Real* e *Badajoz*, onde começa a servir a fronteira de *Monsaraz*; atravessa o Alemtejo até o Pomarão e ahí de novo serve a fronteira até a foz. Em Portugal banha Joromonha, Mertola, Alcoutim, Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio.

Os seus principaes affluentes na margem direita são: *Xevora*, que nasce na serra de *S. Mamede*, entra em Hespanha e vem banhar uma parte de Portugal, passando por Ouguela; *Caia*, que nasce tambem na serra de *S. Mamede* e passa por Arronches; *Degebe*, nasce na serra d'Ossa; *Cobres*, que começa nas alturas de Almodovar e recebe o *Terges*; *Oeiras*, que nasce na serra do Malhão e termina junto de Mertola; *Vascão*, que nasce na serra do Almirante e termina entre Pomarão e Alcoutim; *Paupana* e *Odeleite*, que nasce nas serras de *Querença*

e *Alcaria* e entram juntas no Guadiana.

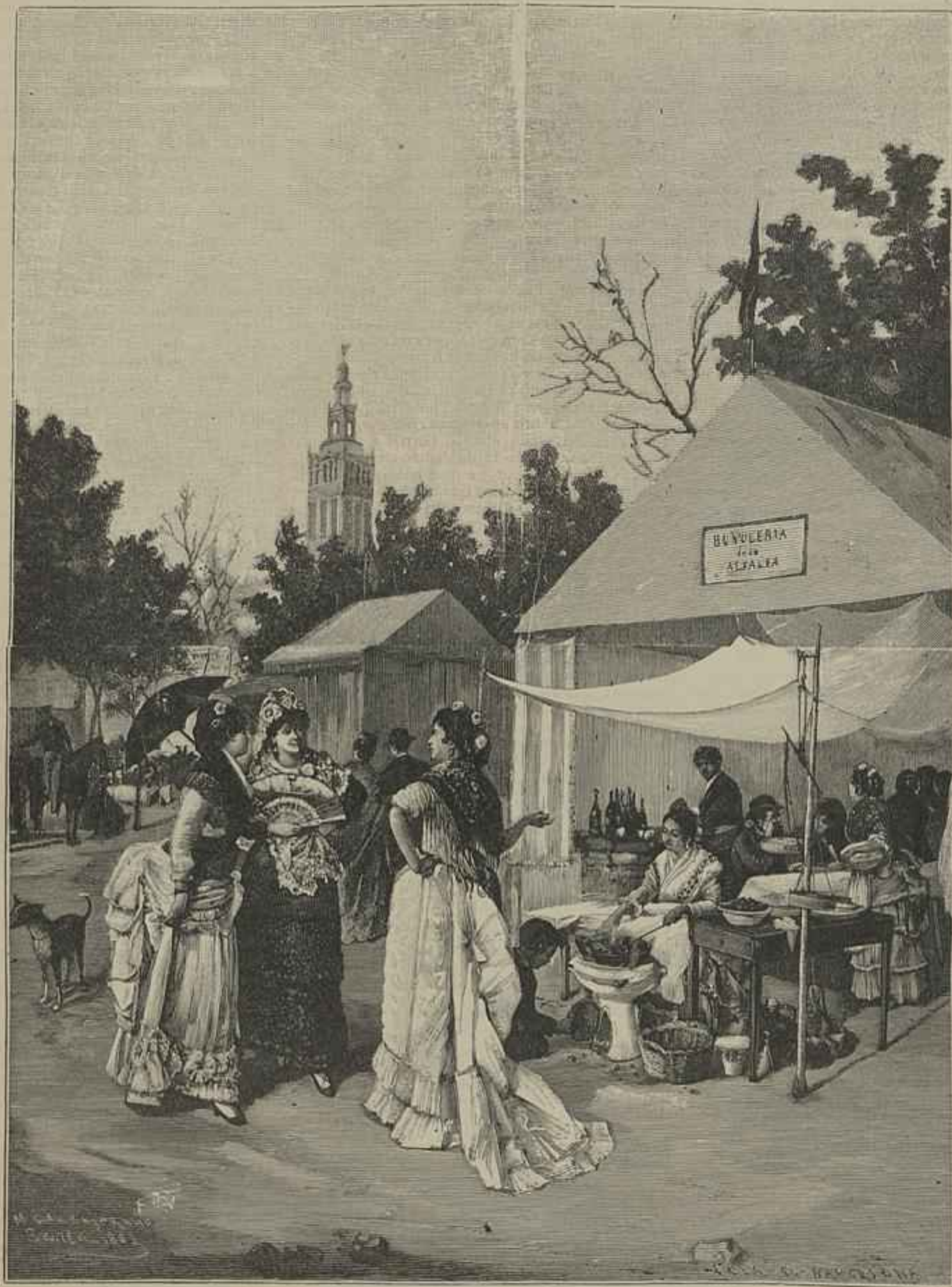
Na margem esquerda apenas tem por afluentes o *Asdella*, que nasce em Hespanha e termina perto de Moura, e o *Chança*, que nasce tambem em Hespanha e termina junto ao Pomarão.



DESEMBARQUE DA EXPEDIÇÃO MILITAR, EM LOUREMÇO MARQUES

(Desenho composto pelo sr. J. R. Christino da Silva, conforme uma photographia enviada á redacção)





SEVIIHA — UMA FEIRA. Quadro de Cabral Aguado.

As suas margens são muito pittorescas apresentando lindas paisagens como se vê da nossa gravura.

## UMA HEROINA FRANCO-PORTUGUEZA

I

Ha poucos annos, conversando com Fernando Leal, o grande poeta, que partia para a sua querida India, e que fallava nos nossos antigos heróes com o facil enthusiasmo que é o grande inspi-

rador do seu formosissimo talento, disse-me elle: — A nossa raça foi n'aquelle Oriente, em que deixou vestigios tão profundos, fecundissima em grandes vultos, e ha muitos cuja existencia ignoramos. Quem sabe entre nós que M.<sup>me</sup> Dupleix, a famosa esposa do grande homem, que roubaria a India, a Inglaterra e a daria á França, se em Paris lhe tivessem comprehendido o genio, e dado os recursos necessarios, era portugueza?

— M.<sup>me</sup> Dupleix era portugueza! — tornei eu n'um tom de espanto e de duvida.

— Portugueza sim, Joanna de Castro se chamava ella. Nada, porém, tenho conseguido saber

acerca da sua filiação, da familia a que pertencia; mas em que não tenho duvida é na origem portugueza d'essa mulher extraordinaria, que foi a mais dedicada e a mais intelligente e a mais util auxiliar que seu marido encontrou, d'essa *Jân Begum* — a princeza Joanna — como lhe chamaram os regulos indianos que a sua extraordinaria fascinação captivava, a heroína do cerco de Pondichery, a instruidissima senhora que conhecia admiravelmente todas as linguas e dialectos do Indostão.

— O nome de M.<sup>me</sup> Dupleix não podia ser desconhecido, tornei eu, d'aquelles que têm lidado



## RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

## IV

VISITA AOS IRMÃOS DE ALCOBACA,  
A COIMBRA, ETC.

com a história da Índia, mas que ella fosse portugueza confesso que o ignorava.

Fernando Leal partio, e este pensamento que elle me lançára no espirito alli germinou, sem dar fructo comtudo, já não só porque outros assumptos chamaram a minha attenção, já porque a doença cruel que me paralyza, intermitentemente, ha dois annos, me inhibia completamente o trabalho de investigação assidua. Agora, porém, chega ao meu conhecimento um folheto que appareceu em França com este titulo attraente: *Origines de l'Inde française — Jan Begum (M.<sup>me</sup> Dupleix) — 1706-1756 — par Mr. J. Guet, chef de bureau au ministère de la marine en retraite.*

Excusado é dizer que, logo que pude, tratei de proceder á leitura do folheto. E' uná simples *plaque* em 96 paginas, mas contendo informações preciosas, e os dados mais completos acerca da vida de M.<sup>me</sup> Dupleix e os documentos mais interessantes.

Fernando Leal não tinha completamente razão: Madame Dupleix não era portugueza nem se chamava Joanna de Castro, mas, se o seu nome de solteira era Joanna Albert, se nasceu em Pondichery, sendo filha de pae francez, sua mãe Isabel Rosa de Castro é que era portugueza e da influencia que esta exerceu na sua alma, e de como conservou no seu espirito as tradições e o amor da patria portugueza, temos nos documentos, agora pela primeira vez publicados, algumas provas tocantes.

N'um rapido estudo diremos o que foi esta mulher notabilissima, e, sem querermos roubar á França a justa gloria que lhe cabe por ser de origem directamente franceza o seu vulto sympathico e extraordinario, mostraremos tambem e com documentos francezes que não é sem razão que reclamamos para a nossa querida patria o quinhão que lhe compete na formação d'aquelle nobre espirito e d'aquella alma heroica.

## II

Não vamos aproveitar este ensejo para enfiar os nossos leitores com a historia da formação do imperio francez na Índia, e do seu completo mallogro. Bem podiamos aproveitar a occasião para mostrar a estes maldizentes que não sabem senão conspurcar a patria, e collocar-a entre a escoria das nações só porque não pôde conservar o seu immenso dominio no Oriente, que uma nação bem mais poderosa do que nós, bem mais capaz de affrontar o poder da Inglaterra, deixou o dominio que ali podia ter nas mãos de uma nação rival. Mas a França é para estes desprezadores da patria o ideal das maravilhas; e Portugal o cu rulo da abjecção. Pois elles tiveram Dupleix como nós tivemos Albuquerque, elles tiveram sempre a sua acção independente e livre e não estiveram sujeitos como nós, durante sessenta annos, a um dominio estrangeiro, que pareceu querer abandonar systematicamente as nossas colonias e entregar-as á cubija estrangeira; elles emfim eram a França com a amplidão dos seus recursos; fóra da Asia tinham apenas que fazer os esforços necessarios para defender o Canadá, nós tinhamos de empregar os nossos recursos para defender o Brazil tão rico e tão cubiado! Pois elles perderam o Canadá e perderam o seu dominio indiano, nós não perdemos o Brazil, e do nosso dominio indiano conservámos Goa, Damão e Diu como elles conservam apenas Pondichery e Chandernagor. Mais ainda: o nosso dominio deixou vestigios profundos em toda a Índia ingleza, a ponto de haver no territorio britannico tres bispados portuguezes que bem se poderiam duplicar e triplicar, se Roma tivesse attendido ás queixas quasi desesperadas dos fieis do padroado portuguez... e do dominio francez na Índia o que ficou? Absolutamente nada.

Isso não impede que esses patriotas que nós conhecemos tratem com um desdém supremo a administração portugueza e com uma admiração entusiastica a administração franceza. Não ha senão vicios na nossa, senão brilhantes exemplos na d'elles; pois incidentemente n'este mesmo estudo veremos que a administração franceza veio copiar á portugueza exactamente um dos processos que os criticos da nossa terra mais flagellam e mais condemnam.

Mas isso virá a seu tempo e no seu lugar, e apenas, como dizemos, de um modo incidental. Agora tratemos de Madame Dupleix, a filha do medico francez Albert e de D. Isabel Rosa de Castro, como esta senhora sempre altivamente se assignava.

Em quanto andámos admirando os portentos, um dos nossos cadetes, pouco dado a passa tempos d'este genero, foi-se deixando ficar mui repimpado á meza do jantar, entregue ao *dolce forniente*; e, em quanto fazia o *chyllo*, gozando preguiçosamente a bella vista que disfructava da fronteira janella, veio ter com elle um frade, dispenseiro, guardião, ou coisa semelhante, mas tendo a seu cargo os comes e bebes, e perguntou-lhe a que horas desejavam ceiar os officiaes inglezes. Que pensam que lhe respondeu o estorninho? Que os officiaes inglezes não tinham por costume ceiar.

Nas minhas narrações de viagem á America do Sul, incluí varias anedotas do tal cabeça de vento. Quando desembarcamos no Mondego todos os officiaes e praças de pret vinham—ou deviam vir—prevididos com farnel para tres dias; pois o bernal physico do heroe foi o nosso debique durante toda a jornada; viemos sempre rindo á custa d'elle e deitando-nos á adivinhar o que a sacóla poderia conter. O homem ao principio não se descosia, mas, tanto apertámos com elle, que não teve remedio senão abrir o bernal e mostrar o contheudo, saccando lá de dentro um baralho de cartas já muito sebatas e uma bolaxa de embarque, pingue ração para os tres dias! Em Alcobaca, porém, não levamos o caso a rir; e, quando os officiaes vieram a saber por culpa de quem tinham ficado sem ceia, Deus nos livre a todos nos de ouvirmos o que elle ouviu; custou-lhe cara a audacia de se constituir arbitro do appetite de vinte e cinco pessoas.<sup>1</sup>

Apanhou descompostura grossa, pois não tínhamos unicamente a punir tão pifio attentado d'este trulho de mau gosto contra as necessidades gastronomicas de todos os seus camaradas; o delicto ia tambem reflectir nos pobres diabos da comitiva, que ficaram a olhar ao signal e a scismar porque seria que os obrigavam a irem se deitar sem ceia. Ao outro dia de manhã, trouxeram-nos café, chocolate etc., e despedimo-nos com saudade de tão excellente e hospitaleira congregação. Veiu a comunidade toda assistir á nossa partida, fazendo votos pelo bom exito da campanha. Estes e outros exemplos de rasgada hospitalidade, dispensada a officiaes do exercito britannico, attrahiram sobre as cabeças dos dignos monges as iras e a vingança de Massena.<sup>2</sup>

Durante o tempo em que os francezes tiveram o quartel general em Santarem, vieram saquear o mosteiro, beberam e derramaram o vinho e lançaram fogo ao edificio. Pouca materia inflamavel haveria na igreja, e supponho que terá escapado ou que, pelo menos, seriam reparados os estragos; os bens do convento, porém, vieram mais tarde a ser confiscados pelo governo de D. Pedro; e, até hoje, ainda não consegui saber que fim levaram nossos obsequiosos e francos amigos, os monges de Alcobaca, nem mesmo se o convento foi restaurado. Inclua o nosso roteiro de marcha Alpedriz, Leiria, e Pombal, villa para nós totalmente desconhecida. Tirante a grande rua ou vereda principal, a povoação é triste e erma; os vastos predios de aspecto antiquado nem signaes davam de vida. De portas a dentro, porém, ostentavam riquezas; espaçosos aposentos de tectos immensos espelhos e tremos de estylos antigos, canapés e poltronas estofadas de tapearias; imaginavamos, por momentos, ter retrocedido, achando-nos agora em pleno seculo xviii. A villa, pelo seu aspecto melancolico, apresentava absoluto contraste com o ar risonho de Coimbra, nossa paragem immediata. A vista d'esta cidade, para quem vem do sul, constitue um panorama encantador. Situada sobre um elevado monte, a grande mole de edificios, dependentes da vetusta e veneranda universidade, dá-lhe á primeira vista apparencia de praça fortificada e forma contraste em extremo pittoresco com os grupos de construcções mais ligeiras e mais claras de tom, que constituem a cidade alta. Iluminado pelos raios d'aquelle brilhantissimo sol, que vinham, ao primeiro plano, espelhar-se nas limpidas e serenas aguas do Mondêgo, apresentava tão aprazivel e pictu-

resco quadro, encanto verdadeiramente magico. Ali nos demoramos dois dias e, durante este prazo, foram nosso principal divertimento os estu- pendedos commentarios e as conjecturas, expendidos acerca dos nossos futuros destinos, n'este famigerado viveiro da sciencia.

La entrando o mez de novembro e era, portanto, de esperar, que o nosso passeio pelas terras altas, não passasse sem mólho. Quando atravessamos a serra do Bussaco, na descida para Mortagua, densos nevoeiros coroavam já os elevados pincaros da cordilheira e, no dia seguinte, entre Mortagua e Vizeu, choveram abadas de agua, como me não lembra ter apanhado a não ser quando estive na Costa d'Africa.

De Vizeu até Celorico a estrada, por largo espaço, é regular; porém, ao chegar ás faldas de uma serra, perde-se em atalhos e carreiros, numerosos. Esta cordilheira, que tem a sua origem no extremo septentrional da serra de Alcobaca, corre em direitura ao sueste, até á Guarda, e comquanto não se eleve muito acima do nivel dos plan'altos circumjacentes, é, comtudo, assaz aspera e pedregosa. Quando chegámos ao cume, a chuva que, n'aquella noite, abrandara, principiou a cair, a cantaros. Era da tal que Panurgo definiu dizendo: «l'eau est entrée en mes souliers, par le collet.» No meio d'este diluvio patinhavam cabras e carneiros, d'aspecto triste e enfestado, guardados por *uma coisa*, que me pareceu, á primeira vista, um molho de palha, e depois uma cabeça humana a espreitar pelo tecto de uma choça. Este primitivo abrigo, engenhoso quanto efficaç, é armado sobre uma capa de grosseira estopa, com um capuz como o de um frade. Revestem-na de successivas camadas de palha como quem constroe o telhado de colmo de uma choça. Qualquer pessoa, envergando-a e virando as costas ao vento, defende-se dos mais pesados aguaceiros. Se agora estivesse para me ir embora de Portugal, havia de levar para Inglaterra uma das taes palhoças, para amostra, e para pôr a cara a uma banda aos nossos *Arcaicos* dos prados de Salisbury.

Em Pinhel e Celorico fomos aboletados em casas de particulares que nos receberam de braços abertos: uma boa gente, liberal e franca, não se contentando em repartir conosco do seu pouco, mas, ainda por cima, sollicitos e anciosos por nos serem agradaveis, proporcionando-nos passatempos; improvisando bailes e sarás, em que nos offerciam refrescos. Não teria decerto entrado em tantos pormenores acerca de um itinerario, cujo trilho tão batido foi depois pelos nossos, se me não animara o desejo de induzir aquelles dos meus camaradas, que depois de nos vieram militar nas posteriores campanhas, a que estabeleçam comparação entre a cordialidade com que então eramos recebidos e o modo por que elles foram tractados mais tarde.

Assim mesmo, considerado o pessimo tempo, chegamos em estado menos lastimoso do que esperavamos, a uma aldeola, que fica a um tiro de peça de Almeida, e a chuva, felizmente, houve por bem dizernos adeus.

Adoptamos o trilho tão batido, atravessando a ponte sobre o Gôa em *Barba del Puero*; passámos a vau o riacho que banha as muralhas do forte de *la Concepcion* e separa os dois paeses, e ceiamos, á noite, em S. Felices, onde como dizia Sterne, «nos achavamos, a final, tão incontestavelmente em Hespanha» que a Inquisição poderia muito bem deitar a garra ás nossas *hereticas pessoas*.—o ponto está que nos deixassemos.

Tínhamos chegado ao extenso plan'alto, o mais elevado taboleiro de taes dimensões em toda a Europa, e que abrange o reino de Leon e Castella.

D'alli até Salamanca seguimos sempre por caminho plano. Quando chegamos á ultima povoação antes de entrarmos n'aquella cidade, havia por aquelles sitios tortulhos, em tal quantidade, que me apeei e enchi d'elles um lenço. Quando me recolhi ao meu bolêto desfiz o embrulho: o hispanhol, meu *patrão*, abanou a cabeça fazendo visagens de engulho e eu, comquanto tivesse a certeza de que só apanhara dos bons, fui-lhe, á cautella, perguntando se achava que me poderiam fazer mal, ao que o homem respondeu apenas: «*mucho malo, mucho malo*» por vezes successivas. Estava já meio resolvido a deitar fora o pitêu, quando me occorreu perguntar-lhe se não comiam cogumêlos em Hespanha.—«Comem, sim, senhor, em Salamanca.» E sabidas as contas elle proprio os levava lá a vender. Aduzo este caso unicamente como exemplo da ignorancia e do aferro a preconceitos que tanto predominam entre aquella gente.

Não podem imaginar a serie de perguntas disparatadas que o bom do homem me dirigiu acerca do exercito; do prazo em que eu julgava poderia-

<sup>1</sup> Collados, nem sequer ao menos apanharam a legendaria *tremenda*; a farta posta de tocinho e o vinho quente e adubado, para a socêga.

<sup>2</sup> Vamos lá que os amigos tambem molharam a sua sôpa; os Massena destruiu o convento, os Inglezes tambem se não livraram da fama de terem deitado fogo á fabrica de tecidos de Alcobaca.



mos acharnos já invadindo a França, etc. Em quanto os tortulhos estavam ao lume, indagou se tinhamos azeitonas em Inglaterra; respondi que não; nem tão pouco uvas para fazer vinho. Sacudiu a cabeça com um gesto impagavel de commiserção, como quem diz: «Pobres diabos! de que vivem vocês então? Por isso vem a Hespanha apanhar cogumelos para matar a fome.» E comtudo, era este individuo um dos mais formosos especimens d'esta tão typica raça de camponeses, a mais bella talvez de toda a Europa — no que diz respeito ao aspecto exterior — Guapos sujeitos! E raro vemos algum com menos de 5 pés e 8 polgadas de altura: rarissimos tambem aquelles cuja estatura excede seis pés. Nem o mais perfeito granadeiro lhes ganha em porte e arrogancia. São predicados aliás communs, entre esta gente, flexibilidade nos movimentos e essa franqueza de ademanes, que é tida aqui como o ideal da boa criação: emquanto a perfeição das formas e a figura, entre seis não se encontra, talvez, um, que não podesse servir de modelo a qualquer escultor. O traço nacional realça ainda tao singulares vantagens physicas; por mais usado e velho que esteja, assenta-lhes sempre bem e nunca perde o effeito pittoresco. Quem, pela primeira vez, contempla um d'estes homens, ostentando os seus fatos domingueiros, e o ouve pronunciar esse bello e sonoro idioma, que elle falla relativamente bem e sem provincialismo apparente, inclina-se a ver n'elle o prototypo e modelo dos da sua classe em todo o mundo. Tão bello involucro, comtudo, é mera exterioridade e apparencia: por dentro, todo elle é ignorancia, crueldade e orgulho indomavel. Foram estes os vicios e defeitos do caracter que mallograram todo e qualquer effeito empregado no sentido de organizar as turbas, tirando dos seus elementos exercitos regulares: lharam estes sempre em todas as conjuncturas, durante a lucta enorme e tão prolongada que, no primeiro quartel d'este seculo, assolou as terras de Hespanha.

Spectator.

## DIGNUS HONOS

Poesia recitada pelo seu auctor na festa da inauguração do retrato do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Valençães na Associação dos Artistas de Coimbra em 9 de Dezembro de 1894.

Eu tenho pelo Conde a sympathia  
Que me inspiram as almas bem formadas,  
Repletas de Ideal: como as havia  
Nas epochas heroicas já passadas.

Tenho o amor e tenho lhe o respeito  
A que se impõem os hamens de sciencia,  
Brandindo a clava austera do Direito  
A' santa luz da propria consciencia.

Mas tenho ainda mais em grande estima  
Seu character tão nobre, tão honrado,  
Brilhando como o sol que tudo anima  
No fundo azul d'um céu immaculado.

O coração do Conde de Valençães,  
Aurea urna, contem esta trindade,  
Filha dilecta das modernas crenças:  
A Família, a Sciencia, e a Caridade!

Libanio Baptista Ferreira.

## OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do numero antecedente)

**Breviario do choro.** Seculo XV, toscamente colorido e escripto em pergaminho com grossa letra semi-germanica. A notação da musica é soflrivelmente lançada, em quatro linhas. Vimos dois exemplares.

**Breviario de 1671.** Magnifica letra, bom pergaminho, iniciaes bem coloridas.

**Carta do mediterraneo,** feita por João Oliva de Messina, em Livorno no anno de 1745.

É um rudimentar mappa em quatro folhas de grosso pergaminho. Indicamol-o, a entendidos.

**Carta geral das quatro partes do globo feita em Lisboa por Eusebio da Costa, no anno de 1730.**

Rolo de magnifico pergaminho, bem illuminado, tendo um metro e cincoenta e dois centimetros de comprimento. É uma das muitas provas da actividade dos nossos cosmographos.

**Chronica de D. Pedro I e D. Fernando por Fernão Lopes.**

É escripto em bom pergaminho com caracteres redondos do XVI seculo, a duas columnas por pagina, com as letras iniciaes e tarjas delicadamente desenhadas e illuminadas.

**Comento ó Exposicion de las chronicas de Eusebio por Affonso de Matrigal Tostado.**

Cinco formosos livros, encadernados em pergaminho lavrado, com disticos a ouro.

Estes lindissimos manuscriptos, são de magnifico pergaminho, e a letra, que é excellente, é a do seculo XV, sendo muito clara e de facil leitura.

As suas illuminuras, de alto primor, são muito delicadas e brilhantes de colorido.

As primeiras paginas de quatro dos volumes, tem cada uma d'ellas, graciosas tarjas illuminadas. As letras iniciaes tem no centro finissimas miniaturas que pela inaudita perfeição se julga trabalho flamengo. As letras capitaes que se encontram pelo texto são tambem muito ornamentadas. No quarto volume que encerra a quarta parte do Comento não ha illuminura alguma, nem d'ella o menor vestigio, parece que nunca a teve.

**Decretales de Gregorio IX.** Codice escripto em pergaminho com caracteres extremamente minusculos mas muito nitidos.

É do seculo XIV. Tem duas miniaturas, ao fim, que são bastante grosseiras.

**De la Theozon d'or.** Precioso manuscripto, em francez, grosso volume, in-folium, a duas columnas por pagina. A letra é a franceza do XV seculo, todas as iniciaes são coloridas e ornamentadas.

Na decima folha, tem uma miniatura e tarja primorosamente coloridas, representando a Justiça, symbolizada em Paris, filho de Priamo.

Este codice está admiravelmente conservado com forte encadernação e fechos de metal.

**Diodorus Siculus. Historiarum priscarum a Pagio Florentino in latinum traducti libri sex.**

Manuscripto, em finissimo pergaminho, com caracteres redondos romanos, muito perfeitos. Tem uma bella tarja no principio, e algumas iniciaes ricas illuminadas com muito primor.

**Domingas do Advento.** Enorme, monstruoso manuscripto em pergaminho do seculo XVI. A notação do canto é a usada na epoca e as illuminuras são simples e somente o A inicial tem valor.

Monumental no seu aspecto, assim o intendem os artistas que collaboraram na sua factura. Além das enormes capas que são de grossa madeira coberta de couro lavrado, temos que apreciar oito enormes e pezadissimos cantos de metal com ornamentos e figuras. Ainda dois fechos, de que falta um, eram de boa escultura, e vimos mais oito grossos pregos, de cabeça com gomos, e que por serem grandes são por sua vez seguros com tres outros pregos mais pequenos.

E como se ainda o cobre empregado fosse pouco, ha mais no centro de cada face das capas dois escudos de forma oval dentro dos quaes se veem dois baculos em aspa tendo a dextra e a sinistra respectivamente um S e um B, que de certo quer dizer que este livro era d'um convento de freiras da ordem de S. Bento. Em torno do campo do escudo referido lê-se a seguinte inscripção, gravada no metal, inscripção que maior tom de monumento dá a este manuscripto:

\* A S<sup>RA</sup> DONA GVI OMAR DE TAIDE  
ABADESA \* NO ANNO DE 1500  
MANDOV FAZER ESTE LIVRO \*

**Ethica de Aristoteles.** Traduzida em hespanhol por D. Carlos, principe de Navarra.

Este codice contem a traducção dos dez livros da Ethica de Aristoteles que do original grego traduziu para latim Leonardo Aretino. É manuscripto em papel, com caracteres gothicos, seculo xv, muito bem formados, e tem o frontespicio illuminado, e iniciaes a ouro muito delicadas. Foi feito em 1468.

**Foral da terra de Coyra** dado por D. Manuel em 1315. Tem 19 folhas, numeradas no rosto, e mais quatro sem numero. Vê-se a assignatura do rei no verso da folha dezoito: *Tomada da terra de Coyra.* Nas tres ultimas folhas os vistos dos magistrados, o ultimo de 1833. Na primeira folha o escudo portuguez illuminado inscripto na inicial D; a tarja é de flores coloridas.

Acha-se junto uma copia, em bom papel, feita recentemente.

Este foral e o que se segue foram adquiridos para a Bibliotheca Nacional no leilão dos livros do Conselheiro Manuel d'Assumpção em julho de 1894. Este ultimo custou 15000 réis.

**Foral de Tarouca,** 8 folhas de pergaminho. Está incompleto. Na inicial D, está o escudo portuguez illuminado e tem uma tarja de flores coloridas.

O foral propriamente dito parece estar completo porque no verso da 8.<sup>a</sup> folha começa o para-

grapho da pena do foral Foi concedido por D. Diniz em 1304.

(Continua).

ESTEVEZ PEREIRA.

## SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 577)

III

A CARTA

José Elias não queimou a carta, como o padre Clemente lhe aconselhara. Os cuidados que tinha sacrificado aquella aventura, não o deixavam renunciar assim, em frente do primeiro obstaculo, ao inteiro conhecimento d'aquelle trama. Assim, em lugar de fazer ao papel amoroso o mesmo que a Igreja triumphante fazia aos judeus convictos, José Elias escondeu-a no bolso da samarra, e resolveu ouvir a opinião considerada da sr.<sup>a</sup> Domingas, sua esposa.

A boa mulher, cuja astucia o sacristão não se fartava de celebrar, ouviu a confidencia do marido entre benzedeilas attonitas:

— Pois o senhor conego Pestana abriu a carta, assim sem mais nem mais? Má mez p'ra elle! Olha, homem, eu cá sou amiga de saber, é verdade; mas uma acção d'essas!...

— Ora! elle lá se entende. Os padres, diz que têm poder p'ra fazer assim d'aquellas coisas... Elle, como é conego, deve ter bula p'ra fazer quantas maroteiras quizer. Emfim, seja lá o que fór. O que é certo, é que elle abriu a carta e leu-a diante de mim e do sr. padre Clemente. Dizia não sei que, a respeito de silencio... Eram poucas palavras, mas muito bem notadas: carta mais linda! Ella aqui está, vaes ouvir...

E desdobrou, diante dos olhos curiosos da sr.<sup>a</sup> Domingas, o malfadado papel. Houve um pequeno silencio. José Elias desembolsou a caixa dos oculos, acavalou no nariz duas enormes lentes redondas, debruadas de metal amarello, e assim preparado, atacou com ancia o manuscripto.

— Então, que diz o papel? — interrogou a sr.<sup>a</sup> Domingas, vendo que o marido não quebrava o preoccupado mutismo com que sondava a caligraphia.

José Elias teve um gesto violento:

— Eu sei lá! Quem diabo é capaz de entender estes gatafunhos?!

— Será elle coisa de estrangeiros...

— Qual estrangeiros! Então o senhor conego não a leu cá na nossa lingua? O que é, é que eu entendo patavina! É um raio d'uma letra que parece ganchos de candeia!

— Se queres, chama-se a pequena, que tem artes de ler, inda que seja nos missaes.

— Hum!... Duvido que ella entre n'esta engenhoca. Emfim chama-a lá, pode ser. Mas, espera, como se lhe ha-de dizer isto...? O melhor é não chamares: isto é uma carta de amores, e não vá ella transtornar o cazo á rapariga.

— Agora transtorna! Diz-lhe que achaste o papel no meio da rua — contrariou a sr.<sup>a</sup> Domingas, com toda a impaciencia da sua curiosidade. A Clarinha veio, indifferente e vagorosa, manejando com tedio, as agulhas d'um *crochet*.

— Anda cá, pequena, — fez logo o pae. — Vê lá se és capaz de metter o dente n'esse raio de escriptura que achei ali, na rua. Para mim, é como se fosse grego! — E estendeu-lhe o papel.

Clara, sem largar o trabalho, tomou a carta, com o ar resignado de quem seffre uma impertinencia. Mas, ao primeiro relance d'olhos, uma onda de sangue purpureou-lhe a face, e com a vista attonita nos paes, parecia esperar uma explicação.

— Então que foi, não lêes? — fez o mãe.

— E' o que eu disse, — secundou o Elias — não lhe mette o dente! Não que, umas taes garatujas!... O que me admira foi o senhor conego...

Um olhar vibrante da mulher, interrompeu a imprudente indiscrição.

Mas Clara não o ouvia. O seu olhar percorria as linhas do papel com avidez febril. Reconhecera a letra de Estevam mas, por mais que se esforçasse não comprehendia porque motivo elle escrevera aquella carta que fóra dar ás mãos de seu pae. Que queria dizer tudo aquillo? Seria apenas um capricho do acaso, ou alguma trama combinada entre os paes, para lhe lançarem em rosto o vergonhoso conhecimento do seu segredo?... — E de novo, com um olhar receioso, estudou as physionomias dos velhos.

— Então? — interrogou o Elias. — Vae ou não vae? Tu parece que lhe estás com gana!

— Senão, vae-se chamar o Estevam, que esse entende com certeza! — lembrou a sr.<sup>a</sup> Domingas.



Clara, tranquillizada pela affectuosa bonhomia dos dois, tinha já escolhido o seu plano; e com grande festa dos velhos, leu pausadamente a carta, fingindo dificuldades, quando a quando.

Elias exultou; a rapariga teve de ler tres vezes o manuscrito, aclamada pelos commentarios dos dois esposos.

— Agora, falta saber quem será o tal E que assigna a carta,— fez o sacristão.

— E a querida, quem será? — tornou a companheira.

O Elias teve um gesto mysterioso, que perturbou atrozmente Clara:

— D'essa, tenho cá umas desconfianças, pelo que ouvi ao senhor conego.

— Que conego? — interrompeu Clara, mais confiada já.

José Elias dando tento na nova indiscrição em que cahira, reboçou ainda mais o mysterio.

— Isso é cá outra historia! — disse elle.

D'esta vez, foi a sr.<sup>a</sup> Domingas que o accommetteu.

— Mas tu, então, sabes quem ella é?

— Parece-me. Certeza não tenho. É uma pessoa que tu conheces muito bem.

— E depois, com aquelle palminho de cara!... Até era uma pena vel-a p'ra ahi com um capuz de freira pela cabeça. Nosso Senhor me perdõe se pecco!

Clara, ao lado, sustinha paralyticamente o seu crochet, n'uma immobilidade de estatua. Aquelle episodio inesperado, as palavras dos velhos, exaltando as qualidades d'uma rival até então desconhecida e que tinha sobre ella a superioridade da fortuna e talvez da belleza, agitavam o seu ser com mil pensamentos desconexos e absurdos, d'onde sahia, bem nitida e aniquiladora, a noção da sua desgraça. A indiferença de Estevam, que ella até então olhara como uma insignificante phase de humor, revelava-se agora como um terrivel abandono, premeditado talvez com mira nos trezentos contos fortes da brasileira. A baixeza do character de Estevam, feriu a; e pensando dolorosamente em desprezal-o, não reparou que isso a que ella chama a desprezo, era a natural revolta do seu antigo amor que offendido e irritado, crescia violentamente, como lavareda que um vento contrario aviva!

Um subito fluxo de lagrimas, inundou-lhe irremovivelmente os olhos; e quando os paes, de-

a minha mõesinha, que Deus tenha, era assim, tal qual; ás vezes até cahia n'esse chão, a espernear como uma possessa!

José Elias, mais tranquillo, puxara a filha para si, e acarinhava-a como a uma creança; chamava-lhe «sua princezinha, seu amor», e acabou por lhe prometter que a levaria, no domingo seguinte, á romaria de S. Bento, se ella melhorasse.

Clara, pouco sensivel á promessa, suffocava os soluços, mordendo o lençinho com que limpava as lagrimas; e vendo que a mãe, já serenada, sahira para as suas occupações, disse ao pae, tomando de sobre uma meza proxima, a carta de Estevam:

— O pae ia queimar isto?

— Ia; pois p'ra que diacho serve isso!

— Então dê-m'a...

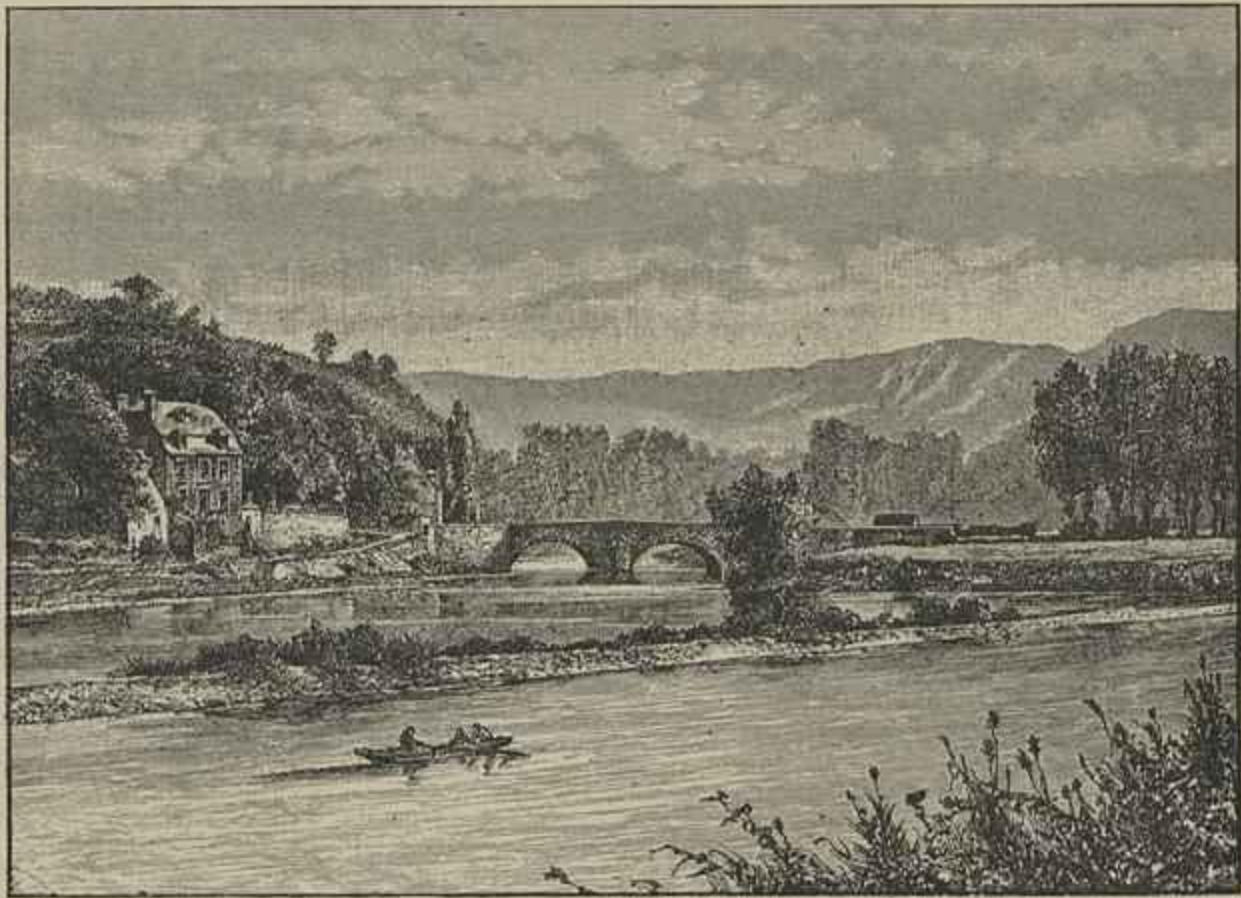
— P'ra quê?

— P'ra nada. Eu queimo-a depois... Dá-m'a?

— Pois sim mas olha lá se a queimas. Eu não quero que ninguem veja isso... essas tolices, na tua mão.

— Pode estar descansado, ninguem verá.

(Continúa.)



MARGENS DO GUADIANA

Clara, suppondo uma allusão, n'estas palavras, descórrou,

— Eu conheço? — insistiu a sr.<sup>a</sup> Domingas.

— Tu, sim. Mas o que eu queria saber, era o nome do tal mariola que escreveu...

— Mas ella, ella quem é, então?

— Olha, mulher, tu lembras-te de me perguntas, uma vez, pela festa da Encarnação, quem eram umas senhoritas vestidas de luto que estavam no altar de S. José?

— Isso eram aqui as brazileiras do Palmeirão,

— Pois ahi está! Esta cartinha, parece-me que posso jurar n'umas Horas em como era para a D. Rosalia.

— Credo! Uma menina de tanta religião fazer d'uma igreja casa de...

Ia a dizer o resto, mas o Elias, com um gesto violento, deixou em meio o descuido indiscreto. Mas Clara estava muito preocupada, para que notasse aquelles desequilibrios de enredo.

A sr.<sup>a</sup> Domingas continuou:

— Até se dizia que ella ia para irmã de caridade. Acho que era a tia, a D. Florencia, quem lhe andava a metter essas minhocas na cabeça!...

— Não digo que não... Mas a pequena não está pelos autos, e faz muito bem. Se quizer casar, com o dinheirame que ella tem, não lhe hão de faltar noivos, até fidalgos!

pois de concordarem em lançar a carta ao fogo, como melhor remate d'aquella aventura, se separavam, para executar o auto de fé, deram com a vista attonita no soluçar hysterico que abalava o corpo da rapariga.

Duas perguntas afflictas, cruzaram-se:

— Que tens? Que tens tu?

Clara não respondeu. Lançara os braços ao pescoço da mãe, e com o rosto escondido no seio d'ella, rompeu a chorar ainda com mais violencia. José Elias tonto, sem nada comprehender, arregalava muito os olhos, com a carta fatal ainda suspensa n'uma das mãos tremulas.

— Mas, filha, que tens tu?... Deu-te alguma dôr?

A sr.<sup>a</sup> Domingas, a quem o contagio enchera tambem os olhos de lagrimas, exclamou?

— Ai, homem! Vae chamar o doutor, que a nossa filha morre-me aqui n'estes braços!

José Elias já estava ao pé da porta, quando Clara, desvenilhando-se da mãe, o deteve:

— Não é nada, pae... Não vá! — E tentando um sorriso, enxugou com o lenço os olhos envidados de choro.

— Mas, então, que foi isso?

— Não sei... Uma afflicção, parecia que me estavam a tirar o ar, a esganar-me...

— Flatos! — explicou a sr.<sup>a</sup> Domingas — Ai,

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1895

Está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.<sup>a</sup>